

Refletindo sobre ensino de flauta doce: uma experiência de estágio em fim de semana na escola rural.

Rosely Lima Cordeiro
corujarosaa@gmail.com
Universidade Federal do Acre

Maíra Andriani Scarpellini
maira.scarpellini@gmail.com
Universidade Federal do Acre

Pôster

Resumo: Esse trabalho é um relato de experiência que visa apresentar uma prática docente vivenciada no Estágio Supervisionado em Música, onde foi realizado o ensino de Flauta doce para crianças e jovens de uma escola rural aos fins de semana. Foi observado nessa prática relações peculiares referentes a relação de espaço e tempo ocupados pelos alunos na escola aos fins de semana. As crianças iam a escola por espontânea vontade em seus momentos de lazer e passaram a ter a música como atividade preferível a jogar bola. Buscou-se trazer uma vivência junto aos alunos que fosse significativa e que pudesse ser propulsora de futuros aprendizados musicais.

Palavras chave: Estágio Supervisionado, Escola Rural, Flauta doce.

Este é um relato de experiência baseado no projeto que desenvolvemos para as disciplinas de Estágios Supervisionados em Música I e II. Na ocasião fomos dar aulas de música aos fins de semana em uma escola rural do município de Rio Branco, Acre. Os alunos da escola tiveram a oportunidade de fazer diferentes oficinas. Objetivava-se sensibilizar os alunos para a prática musical e motiva-los a, depois do projeto acabado, continuarem a busca por conhecimentos musicais.

Dessa forma, foram oferecidos durante o Estágio I aulas de canto, violão, flauta, criação musical e percussão corporal. As oficinas aconteceram em dois finais de semana, sábado e domingo pela manhã e tarde. Já no Estágio II, os cursos oferecidos foram violão, flauta doce e teoria musical, com duração de 10 sábados, também com duas turmas. Tivemos alunos

de todas as idades, salas mistas de homens e mulheres, adultos e crianças, mas em sua maior parte pessoas que queriam aprender e valorizavam as aulas.

Meu grupo ficou responsável pelo ensino de flauta doce, e por isso vou ater-me ao relato dessas aulas. Em nossa metodologia apresentamos e explicamos um pouco da família das flautas, ensinamos a soprar, articulações da língua e a posição dos dedos na flauta, em um primeiro momento não ensinamos notação musical, utilizamos apenas o nome das notas musicais, depois o sistema de notação foi sendo inserido naturalmente. Buscamos também ir aumentando o número de notas usadas nas músicas de forma gradativa, começando com apenas três. Quanto ao repertório, optamos por músicas fáceis e que já fizessem parte do repertório musical dos alunos, como conheciam a melodia era fácil tocar as notas.

No Estágio I a primeira turma era composta por meninos, que, primeiramente não queriam nem mesmo entrar na sala por vergonha. Eles eram meninos peraltas, com idade ente 8 e 14 anos que, a princípio só iam a escola no fim de semana para poder usar a quadra de futebol, mas que se envolveram com as atividades da flauta de maneira bastante intensa. Eles tiveram dificuldades de aprender a soprar, quando conseguiram foi mais fácil aprender as músicas, escrevemos as posições dos dedos no quadro e o nome das notas formando uma sequência, passamos devagar linha por linha, observando quem tinha dificuldade e auxiliando, para que a turma ficasse homogênea no aprendizado. Conseguiram tocar duas músicas na primeira aula, ficaram animados e no intervalo do almoço pediram as flautas para praticar, nesse momento a escola ficou um barulho só, em todos os lugares tinha alguém tocando, o mais interessante é que já estavam se tornando professores de seus colegas, estavam ensinando seus amigos que não vieram à aula para que tocassem também. Dessa forma as crianças ao mesmo tempo que aprendem ensinam. "Analisar a relação com o saber é estudar o sujeito confrontando à obrigação de aprender, em um mundo que ele partilha com outros: a relação com o saber é relação com o mundo, relação consigo mesmo, relação com os outros" (CHARLOT, 2000, p.79).

São relações que vão sendo estabelecidas com a música e com o outro e que enriquecem as formas de ensinar aprender/música. Essas crianças vivem em uma localidade

afastada do centro urbano, onde o acesso a escolas de música é difícil e essas relações com os colegas no ensino aprendizagem de música podem ser fundamentais após o término do projeto.

Tamanha foi a motivação desses alunos em aprender que, no período da tarde retornaram à escola para participar de outra aula. Interessante notar que nessa aula, eles, ao ver as colegas anotando as músicas, perceberam que poderia ser uma boa estratégia e também anotaram.

Essa turma da tarde era composta em sua maioria, meninas/mulheres com idade entre 10 a 18 anos, algumas já eram casadas e tinham filhos. Nessa turma o processo de aprendizagem foi diferente, aprenderam a soprar logo, a controlar o ar, as articulações, mas tiveram dificuldade em posicionar os dedos e articulá-los e memorizaram as músicas rápido.

Nas aulas que se seguiram os alunos nos surpreenderam pela rapidez com que aprenderam, tivemos que aumentar as dificuldades, e repensar nossas aulas, pois eles ultrapassaram nossas expectativas.

Nas últimas aulas mesclamos as turmas, separamos os que estavam com dificuldades dando-lhes reforço. Foram entregamos 15 partituras, para cada aluno e flautas de brinquedos. Eram músicas simples e que poderiam estudar após o encerramento do curso, pois já eram capazes de executar com os conhecimentos adquiridos. Nos intervalos eles pediam as flautas para estudar, e nos procuravam para tirar dúvidas até na hora do almoço.

No estágio II estivemos nessa escola com esses alunos, alguns adquiriram a flauta e outros novos. Havia alunos com muitas dificuldades de aprendizagem, por isso sempre dividíamos a turma buscando a homogeneidade de forma que, os com dificuldades não se sentissem constrangidos e os que estavam avançados não desanimassem. Iniciamos utilizando a metodologia do Estágio I, mas avançamos mais devido a aulas de teoria musical que eles estavam fazendo em paralelo.

Trabalhamos conjuntamente com os outros instrumentos, inclusive o planejamento das aulas, estávamos sempre nos empenhando para que as aulas estivessem ligadas e se completassem, como por exemplo, os professores de teoria e de violão utilizaram as partituras

de flauta em suas aulas, para fazer atividades de leitura, ritmo e solfejo das notas. Os alunos não tiveram dificuldades para leitura, sua dificuldade maior era rítmica. Formamos uma apostilha com 20 músicas que no final tinha a posição dos dedos na flauta, ensinamos todas as notas naturais, as músicas eram ensinadas observando o nível de dificuldade.

Escolhemos as músicas pensando nos desafios que elas trariam, como poderíamos facilitar ou dificultar esse ensino. Fazíamos uma leitura verbal da música (dizendo o nome da nota), sem se preocupar com a altura da nota, apenas para reconhecimento das notas. Em seguida a leitura novamente com a divisão do tempo, tocávamos todos juntos, em duplas e individualmente, dessa maneira podíamos avaliar quem estava com mais ou menos dificuldades, para serem trabalhadas individualmente. Fizemos leituras de músicas a primeira vista, alguns conseguiram tocar outros não.

Eles não podiam levar as músicas para casa e também não tinham flautas em casa, apenas três alunos compraram a flauta. Quando percebemos que os alunos começaram a faltar as aulas, fizemos a proposta de sortear duas flautas no final do curso para quem não faltasse. Eles se empolgaram com a ideia, e dos 20 alunos que tínhamos no início, 16 terminaram o curso.

Nos últimos encontros, ensinamos e ensaiamos, junto com os alunos de violão, a música Asa Branca e a Nona Sinfonia de Beethoven simplificada. Como resultado final das atividades elaboramos uma gravação caseira, que foi disponibilizada para os alunos participantes. Na ocasião demos as duas flautas prometidas, uma foi dada a três irmãos que chegaram na metade do curso e conseguiram acompanhar, e a outra a uma aluna que teve muita dificuldade, mas venceu todas e, o mais importante, não desistiu.

Considerações Finais

Acredito que dois aspectos devem ser destacados nesse relato de experiência. O primeiro deles é o ambiente e o tempo em que foi realizado.

A escola, enquanto ambiente para a prática das aulas, não exerceu, como de costume, um papel de educação formal, pois as crianças não vieram a escola por obrigação. Naquele momento, era nítido que não a encaravam como um espaço cheio de regras, elas podiam escolher, onde queriam estar, e escolheram a sala de aula, a aula de música. Escolheram levar a música para além da sala de aula e estudar por toda escola.

Já o tempo é o fim de semana, horário reservado para o lazer, momento em que as crianças podem ter escolha. Elas escolheram aprender flauta, algo que não era oferecido na escola formal. Isso é de grande relevância para nossa reflexão, pois, “é através das práticas do tempo livre das crianças e dos adolescentes que poderemos compreender seu modo de inserção social, suas dificuldades, seus desejos, suas aspirações ou suas confusões” (SEGRE apud DUMAZEDIER, 1994, p. 76).

Além disso através do processo de ensino e aprendizagem desses alunos podemos repensar nossas metodologias, não somente com o nosso conhecimento já existente, mas com os conhecimentos que buscamos para melhorar o aprendizado do aluno e lhes proporcionando significados. A auto avaliação após as aulas, pensar e repensar os processos, nos fizeram crescer como idealizadores de um ensino ainda não muito difundido em nosso estado, das dificuldades que vamos encontrar na sala de aula, quando formos executar nossa formação.

Referências

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Tradução de: Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DUMAZEDIER, Joffre. A revolução cultural do tempo livre. Tradução e revisão de: Luiz Octávio de Lima Camargo. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1994.